

Correio de Nisa

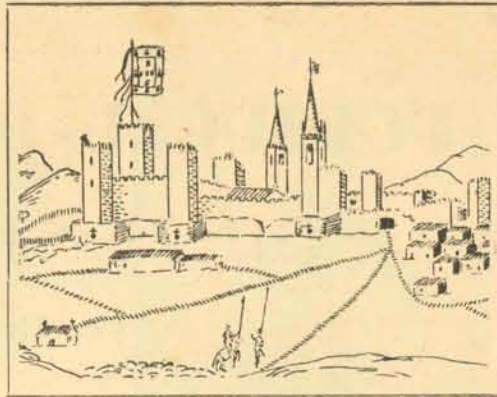
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO
PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



INTERPRETAÇÕES

Quase todos conhecem, sem dúvida, o que é "interpretar", aclarar, explicar, traduzir, comentar e toda uma longa série de supostos sinónimos, que podem iniciar-se na letra **A** com o verbo abanar e extinguir-se no **Z** com o verbo zurzir.

Interpretar é sempre um convite polido à inteligência. Dito de vários modos, desde o "prudente arbítrio do julgador", a que se referem os códigos, até ao conhecido e infelizmente frequente "veja isto com olhos de ver", interpretar exige, pelo menos, aquele mediano potencial de senso que os Romanos atribuíam em muitos casos a um "bonus paterfamilias ordinarius".

É, pois, neste sentido e neste sector da compreensão e do que é tido e havido por aceite, uma faculdade genérica que toca a todos, em maior ou menor dose.

Interpretar é, assim, faculdade de toda a gente, com maior ou menor abertura do diafragma da inteligência, apresentando-se apenas uma excepção para os espertalhões que se fazem tansos.

E, entretanto, a ideia anónima também é verdadeira, também tem colorido, também determina gáudio, também produz prazer, porque há interpretações mínimas e interpretações máximas, interpretações triviais e raras interpretações, daquelas que se gosam, só lá de tempos a tempos.

Uma vez, em certo curso de escola superior (o caso é já remoto e conhecido), o Mestre explicava o artigo primeiro do Código Civil, atacando com profundidades filosóficas as palavras "direitos e obrigações".

A sapiência deambulava serena no jardim de Aris-

tóteles e o curso meio ensonado, meio garotão, jogava às cartas e lia jornais.

Passou-se depois a operar numa enseada do artigo, usando-se das mesmas granadas filosóficas de profundidade, para vir à superfície a expressão submersa "só o homem".

É curioso: só o homem é "susceptível", porque só ele acredita em direitos e só ele se sujeita a obrigações.

É verdade que classifica de brutos os outros animais, mas isto é por despeito, porque, verdadeiramente, só ele é "susceptível".

Navegando, talvez, neste largo oceano de lógica contemplativa, exclama do fundo da sala um aluno já velhote (nas Faculdades vê-se de tudo, desde o respeitável ancião, até ao menino de calcinhas): "Senhor Doutor, V. Ex.ª diz "só o homem"; e então a mulher?"

O que está na lei é o que é... não pode haver alargamentos. Se ela fala só do homem, claramente se entende que não quiz falar da mulher, tanto mais que, em certos pormenores, não há, nem pode haver analogia!"

O Mestre sorriu, o curso delirou e o intérprete considerou-se alvo da maior manifestação de todas as idades históricas, de apreço à inteligência e à interpretação.

Os tempos mudam, os tempos passam, mas as "interpretações" ficam.

Este número foi visado
pela Censura

Os Almotacés de Nisa

Por Fernando Portugal

Parece radicar-se esta magistratura municipal no período do domínio sarraceno da península pois, como adverte Alexandre Herculano, "no que toca aos almotacés, não só o nome mas também o officio" são de origem árabe, tendo-se estes possivelmente inspirado, por necessidade, nos edis romanos, dada a similitude de funções.

Em Portugal, as posturas municipais de Coimbra, de 1145, constituem o primeiro documento informador das funções dos almotacés. Depois, sucedem-se os diplomas, ainda no séc. XII, onde se verifica a presença e até a divulgação de tal magistratura. No Alentejo, parece ter-se sentido cedo a conveniência da criação, ou conservação, desse cargo.

Se nos debruçarmos sobre as ordenações que os reis D. Afonso V, D. Manuel I e D. Filipe I outorgaram para governo dos seus povos, observamos determinadas disposições comuns na forma de provimento e eleição dos almotacés que permitem uma exposição sucinta. Assim, eram eles providos ou eleitos nos pares (como os duvíros romanos) pelo período de um mês. No primeiro mês do ano eram feitos almotacés os juizes da magistratura cessante; no segundo, dous vereadores mais antigos; no terceiro, um vereador e o procurador. Para os nove meses restantes eram eleitos "às mais vozes", nove pares de homens bons que não tivessem sido oficiais do Concelho.

De nomeação régia, assistia aos

almotacés um escrivão de almotaçaria,

quanto à sua actividade, ela era importante quer no campo social, quer no judicial. Tinham "a seu cargo fiscalizar o abastecimento de géneros alimentícios, os preços de alguns deles, os salários dos officios, os pesos e medidas, evitar que os rendeiros fizessem avenças com as partes — por almotaçaria — no pescado chegado à praça, percorrer a cidade ou vila zelando pela sua limpeza, a fim de evitar esterqueiras ou entupimento de canos".

Presidiavam a um tribunal de pequenos delitos de vendas, dando audiências em dias costumados, procurando que os officios em seus mesteres satisfizessem as necessidades do consumo, guardassem e cumprissem as posturas concelhias, lançando coimas sobre todos aqueles que encontrassem em falta. Mas a sua jurisdição limitada não lhes permitia resolver demandas superiores a seiscentos reis, havendo as suas sentenças apelação para os juizes do concelho que despachavam até seis mil reis.

Os feitos de almotaçaria deviam ser sumários, correndo "com brevidade, sem fazerem grandes processos, nem escrituras", sendo verbal a apelação das partes. As penas impostas pelos almotacés podiam ser pecuniárias ou corporais, e, neste caso, os castigos executavam-se nos pelourinhos.

As multas consistiam num ónus fixo (da primeira vez os prevaricadores pagavam 100 reis; da segunda 200 reis, e da terceira 500 reis,

perdendo ainda os vendedores todo o produto em infracção para os presos do concelho). Dessas multas, parte ou o total, revertia a seu favor, constituindo, com a "quota dos frutos, carne e pescado, etc. que se vendiam a retalho nos mercados ou pelos vendedores ambulantes", os proventos que lhes eram devidos pelo exercício.

Podiam porém perdê-los por negligência no cumprimento das suas funções, quer faltando ao açougue, à praça, ausentando-se antes de repartido todo o mantimento, pagando então para as obras da cidade ou vila cem reis de cada vez; quer iludindo as determinações de seus Regimentos, sendo castigados no pagamento das coimas e penas que pagariam aqueles a quem deviam obrigar.

Os textos são mudos quanto a quaisquer insígnias que individualizassem os almotacés em exercício. Os "aediles plebis" não usavam as insígnias dos magistrados romanos e tinham unicamente direito ao "subsellium" (cadeira de pés direitos), os "mohtaséb" árabes nada ostentavam que os distinguisse, além da circunstância de se fazerem acompanhar de guardas, um dos quais levava balanças destinadas em especial ao repeso do pão; quanto aos almotacés portugueses, possuímos a indicação, muito semelhante à dos árabes, de que, os do Porto, também se muniam de pesos e balanças com que percorriam os mercados, aferindo e pesando.

Continua na página 4



O ROSSIO DO PASSADO — geometria mais simples, árvores com mais sombra, saias mais compridas e, certamente, mais graduado o senso comum.

PORTUGAL-BRASIL CINZENTO

Por Florbela Espanca

Poeiras de crepúsculos cinzentos,
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,
Prendem-se aos meus cabelos, aos
meus braços,
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,
Devagarinho, em misteriosos passos...
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...
Ergue-se a minha luz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,
Lembram-me o fumo leve dos meus
sonhos,
A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que o teu olhar me des-
lumbrou...

Hora em que a tua boca me beijou...

Hora em que fumo e névoa te tornaste...

Correio de Nisa de 23/1/1965

COMARCA DE NISA

SECRETARIA JUDICIAL

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na acção especial, intentada nos termos do art.º 1.241 do Cód. P. Civil, que corre termos na Secretaria Judicial, proposta pelo Agente do Ministério Público, são, por este meio, citados os credores dos insolventes José Paulos Mourato e mulher Palmira da Piedade Carita, de Alpalhão, para no prazo de 10 (dez) dias, contado da data da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem a mesma acção, na qual o Autor pretende ver reconhecido e depois graduado, na insolvência referida, o crédito da quantia de mil e oitenta cinco escudos proveniente de custas devidas no 9.º Juízo Cível de Lisboa, pelos insolventes.

Nisa, 11 de Janeiro de 1965

O escrivão de direito,

Manuel Moita Godinho

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,

João de Deus Lopes

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

Da Minha Janela...

1 — 1965 despontou para o Mundo da História sob um dia de frio e de ininterrupta chuva. As árvores, ainda desnudadas pelo Outono longo, quase primaveril, contemplam alheias esta mudança, só no calendário, porque ele — o tempo — continua na sua correria longa, infinita...

O tempo não pára, antes parece correr, cada vez, mais célere!

Vejo através dos vidros embaçados, na rua, crianças descalças segurando um guarda-chuva roto que as protege unicamente das vozes que diriam: "pobres crianças que vão à chuva..."

Desejaria, sinceramente, que o calor e a inflexão de tais vozes se transformasse numa campanha de amizade e de amor por todos aqueles que sofrem e deambulam pelas ruas de cada vila ou cidade, procurando, não muitas vezes um abrigo para o corpo mas, e acima de tudo, um abrigo para as suas almas. Como seria belo, generoso e não difícil talvez, que neste começo de ano, cada um de nós, em confissão íntima, se compromettesse a ajudar mais humanamente cada um dos nossos semelhantes.

2 — Da minha janela... vejo ainda, ao longe, os nossos camaradas que no Ultramar Português se batem pela causa sagrada da integridade do solo Pátrio.

Para esses nossos colegas de armas a quem, por imperativo do dever e cobiça de estranhos à nossa Pátria, foi imposto tal afastamento, eu desejo, e faço-o com a convicção plena de que eles estão satisfeitos, — manifestar-lhes o meu mais sincero voto de que neste ano tudo lhes seja propício na realização dos seus mais fortes anseios.

"A Pátria confia em vós — Camaradas!..."

José Ventura Balonas

"CARTAS de longe"

Meu Caro

Quando, há dias, o carteiro bateu à porta e me deixou nas mãos o recém-aparecido jornal da nossa terra, tu não podes imaginar o amálgama de sentimentos que brotou dentro de mim.

Foi assim, como se, de súbito, toda a saudade reventasse no peito de um ausente que, de balde e teimosamente, caprichasse em afogá-la.

Tu não podes imaginar, repito, a nostalgia, o orgulho, as recordações de esperança, de "ontens" e de "amanhãs" que se desprendem das quatro páginas deste jornal.

Condensadas, compri-

midas, amalgamadas, ali vinham e, ante os meus cinco sentidos, desfilaram a Porta da Vila e a ermida da Senhora da Graça, os dois tons do bater do nosso relógio de quatro faces e os anacrónicos pregões que acordam a vila, o bulício do Rossio e a letargia das ruas estreitas, junto às muralhas dionisiacas, o silêncio que nos envolve, quando a noite cai, e a salvação amiga com que nos saudam, mal saímos à porta. Tudo! Tudo isto e tantas coisas mais! Tantas coisas mais com que tu nem sonhas, sequer! Tu, que fazes a tua vida e limitas a tua acção aos lugares que te viram nascer e fazer homem, tu que, em cada hora do teu dia, não deixas de aspirar o ar lavado que vem da serra, tu que, de qualquer ponto em que te encontres, vês os telhados rubros das nossas casas brancas, tu desconheces o sabor agridoce e não avalias, por certo, o prazer quase sensual que há na simples evocação de tudo isto.

Aquilo que para ti nem chega a ser banal, é para nós, ausentes, o lenitivo de tantas horas sombrias. Repara: se, por exemplo, tu pudesses avaliar a alegria imensa que nós sentimos, quando alguém nos diz: — "Vem uma gravura da tua terra, no jornal!" — se pudesses ver como os olhos nos brilham e se perdem nos mais ínfimos pormenores duma fotografia!, então, tu quererias partir, também, só para sentir o prazer destas emoções.

Eu sei, quantas vezes o ouvi!, sei do quanto gostarias de ser, também tu, um daqueles que está longe.

Mas é preciso que não saias. É necessário que tu fiques, para que nós possamos sonhar com o regresso. É forçoso que faças do teu viver quotidiano e, quantas vezes vulgar, uma fonte constante de surpresas para nós. É o teu dia a dia que se condensa em duas linhas do jornal, são as tuas aspirações, que ocupam meia página, são os teus anos, a alegria dos baptizados e dos casamentos dos teus filhos e, até, o luto dos teus mortos, que mantêm sempre mais viva e mais acesa a chama sagrada que purifica e alimenta os corações daqueles

que, como eu, a vida obriga a passar dias, meses e anos, desterrado. É o termo: desterrado.

Com tudo isto, Meu Caro, quero dizer-te, apenas, que começamos a sentir-nos mais perto, porque estamos menos sós.

Estas quatro páginas, que trazem no cimo a reprodução de um desenho antigo da velha e sempre querida "Corte das Areias", são outros tantos elos a unirem-nos mais uns aos outros. Não deixes que eles quebrem nem vacilem, ainda que por um momento.

Deles, portanto de ti, depende o mitigar um pouco a nossa saudade.

Vai extensa, reconheço, esta minha carta. Efeitos de longa ausência. Talvez. Desculpa. Fico por aqui, esperando notícias tuas. Até lá, o saudoso abraço do teu

DENIS DE NISA

Câmara Municipal de Nisa

**Plano de Actividade
para 1965**

ÁGUAS

ABASTECIMENTOS DOMICILIÁRIOS DE ALPALHÃO, TOLOSA E AMIEIRA DO TEJO

Prosseguirão os trabalhos que não for possível executar no corrente ano, os dois primeiros por intermédio dos Serviços Municipalizados e o último pela Câmara Municipal.

Será prevista a construção de lavadouros em Amieira do Tejo e Montalvão.

**ABASTECIMENTO POR
FONTANÁRIOS**

Prosseguirão também as pesquisas no sítio da Corga da Ilhaga, para se procurar abastecer os Montes de Baixo (Pardo, Duque e Arneiro).

Procurar-se-á melhorar, como for possível, as fontes de Albarrol, Monte dos Matos, Salavessa, Vela-da, Monte Claro, Falagueira e Pé da Serra.

Procurar-se-á também beneficiar o abastecimento de água a Arez, incluindo o estabelecimento da zona de protecção que, embora inicialmente prevista, nunca foi executada.

**ESGOTOS
MONTALVÃO**

Procuraremos iniciar a obra de esgotos de Montalvão, já participada com um escalão de 100 contos, e cujo início tem estado dependente da construção da Estrada Nacional 526-2, de Salavessa a Montalvão — troço correspondente à travessia desta vila em ligação com a E. N. 359 no sítio do Bernardino.

Continua na página 4

- Absurdos -

É infelizmente vulgar, nos jornais, em revistas, nos almanaques, encontrarmos anedotas sobre dislates atribuídos a doidos.

Não nos parece equilíbrio fazer rir os sãos, à custa de doentes e de doenças das mais tristes. Dirão: trata-se de simbolismo.

E esse simbolismo será elemento moralmente construtivo para a infância, que amanhã troçará dum louco de facto, baseada nas graças sem graça dos adultos que ouve e dos escritos que lê por toda a parte? Como repreender a criança, se ela sabe que a "coisa" é "natural" e quase generalizada? Nunca leram algo sobre São João de Deus?

Terminemos com graças que não têm graça nenhuma; e procuremos o riso, sem melindrar o próximo e sem manchar a candura e a inocência; e até mesmo: sem ofender a Deus.

E, depois, se existe a volúpia do dislate, há tanto dislate dos que têm juízo!...

Verdades de sempre

Nem no inverno sem capa; nem no verão sem cabaça.



OÍ OJ' EU CANTAR D'AMOR,
EN UN FREMOSO VIRGEU!...

ABUSOS

Queixam-se várias pessoas de desmandos do rapazio, principalmente, no Largo Serpa Pinto e nos adarves da Porta da Vila.

De facto, hordas de garotos acampam ali, em terreno conquistado pela estupidez e pela má-criação.

A vozeria, as palavras obscenas, as imprecações, as rixas, os gritos, os urros, formam uma orquestração avernal que perturba a vizinhança e é espectáculo bem triste para quem nos visita. Sobre as muralhas, estabelecem rondas e tomam posições estratégicas, como belicosos montenegrinos, em especial quando os fiéis saem, à noite, da Igreja, para, em cálculo balístico, mictarem sobre quem passa.

Isto não pode continuar — nem devia ter começado. Por tanto, recomendamos o caso aos serviços policiais, no sentido de se pôr termo a tais desmandos; e confiamos, sem dúvidas, na eficiência da repressão.

PROVIDÊNCIA DE MÉRITO

A rua do Colégio já ostenta dois candeeiros; e se não podemos afirmar que a iluminação é "a giorno", como na "rue Rivoli", é de garantir que chega e quase sobra. Aliás, basta a inteligência e a agudeza de espírito dos observadores furtivos, para que a luz se faça e refaça, sob a forma policrômica de "balões venezianos".

Enfim, os Serviços Municipalizados cumpriram o seu dever, o que registamos com satisfação e com inteira justiça. Honra lhes seja!

No domínio

das Aparências

As consolas dos candeeiros de iluminação pública necessitam de ser devidamente pintadas, pois alguns deles encontram-se bastante envelhecidos, por falta de pincel, artefacto de toucador indispensável para que remocem.

NEÓFITOS

Receberam o baptismo Rui Alberto Curado Beato, filho de José Maria Beato e de Joaquina Antónia Curado Maia; Maria da Graça Marques Serra, filha de João Maria Serra e de Emília Marques Castanho; Catarina da Graça Carita Tremoço, João José da Silva Lopes, filho de José Dinis Basso Lopes e de Joana da Silva da Graça; Paulo Júlio Marques Alvega de Matos, filho do Sr. Júlio Carita Alvega de Matos e de D. Celeste Felícia Marques Alvega de Matos; Joaquim da Graça Salgueiro Carita, filho de João da Cruz Carita e de Henriqueta da Graça Bizarro Salgueiro.

CASAMENTO

No dia 10 de Janeiro, casou com o Sr. Carlos Afonso Esteves Mourão a Sr.^a D. Maria Leonor Nunes Pires, pessoa da nossa particular estima e apreço.

Os noivos realizaram o seu casamento no Fundão. Desejamos-lhes, e a suas Ex.^{mas} Famílias, que Deus sempre os acompanhe pela vida fora.

Uma Obra DE MÉRITO

Com afectuosa dedicatória, recebemos o recente ensaio "Aquilino — O Homem e o escritor", da autoria do Dr. Cruz Malpique. A ele nos iremos referir, num dos próximos números do jornal.

NASCIMENTO

O lar dos Srs. Professores, D. Maria Manuela Louro Filipe e João Maria Melato Carita foi enriquecido, no dia 7 de Janeiro, com o nascimento de mais um filho, a quem foi dado o nome de Filipe Manuel. Os nossos parabéns, com desejos sinceros de boa sorte.

TEMPORAL EM TERRA

★
Ao cair da noite, o rapaz vem até nós, com ares misteriosos, e tímido. Vem impetrar que o deixem ser colaborador do nosso jornal. A primeira resolução íntima foi redonda negação. Mas é bem certo:

"quem vê caras, não vê corações". Já trazia o seu original. Mandámos lêr; e... aceitámos. Pode continuar! Coisas de rapazes que têm certo jeito e, como ele diz, não ofendem. Quanto ao mérito intrínseco dos versos, a prespicácia dos leitores supre comentários nossos.

Na Rua Direita, à noite, qualquer a muito se arrisca, se já tem falta de vista, porque, por mais que se afoite, parece ir a navegar no Tejo, com temporal. Tem, pois de se acautelar. Mesmo na parte central, tantos buracos da Rua fazem um homem tremer. Mas a culpa não é sua, Sr. Director, pode crer. Eu só lhe peço um cantinho do seu "Correio de Nisa", para lembrar, com geitinho, que tudo aquilo precisa mui grande reparação. Eu não ofendo ninguém; faço a reclamação, mas tudo por nosso bem.

A. Casimiro

AQUI BEM PERTO — A DOIS PASSOS

Colaboração de — ILÍDIO NOGUEIRA LEITÃO e ANTÓNIO BENTO

O MEDO DE DAR SANGUE...

Como referiu o meu camarada António Bento, é nosso desejo ao preenchermos a nossa Secção, de que ela tenha para vós algo de interesse. Hoje sou eu que vou falar-vos duma crença que só necessariamente o medo e a ignorância impõem cegamente.

— Porquê, o medo de dar sangue? ...

Foi por isso que me surgiu a ideia de escrever com serenidade esta grande verdade que sei frutificará acima de todas as suspeitas.

Têm surgido ultimamente no nosso Hospital Sub-Regional imensos casos em que as intervenções cirúrgicas são feitas com dificuldades pela aquisição de sangue, inclusive da própria família dos doentes. E isto unicamente pelo que acima me refiro:

O MEDO DE DAR SANGUE...

A sombra do medo e do mistério tem que se dissipar, porque as possibilidades de cada um de nós são devidamente controladas pelo médico, e por isso todos devíamos saber o grupo sanguíneo a que pertencemos, já por necessidade própria, como além do mais para podermos socorrer os que possam precisar.

Não é de consciência nem de amor que se procure nos estranhos o remédio para suavizar a dor dos nossos, quando muitas vezes em nós próprios há reservas, para que não se sacrifiquem os outros.

Foi há dias, num desses muitos dias que têm surgido primaveris para uns, mas cheios de neblinas e muito escuros para outros, que vi aproximar-se de mim um pobre homem como que procurando adivinhar uma resposta.

— Senhor, precisava de sangue e vinha pedir-vos se faziéis o favor de dar-mo...

— Perguntei, quando é necessário e a que horas?

— Amanhã, às duas da tarde.

Lá fui como prometi. Assisti à transfusão e fui conversando com o doente.

Contou-me toda a sua história. O médico havia-lhe dito que, se encontrasse quem lhe fornecesse sangue, ele poderia viver...

Para isso andou uma sua irmã procurando quem o fizesse, sem que fosse atendida.

Mas a vida!... O que é a vida!...

Ele queria viver e por isso pediu alta ao Hospital para que, pelos seus próprios meios, viesse pedir sangue, pois não tinha recursos para poder comprá-lo. E depois?... Depois de ter pedido a toda a sua família que é das numerosas da nossa Nisa, não encontrara senão recusas e desculpas.

Uns tinham medo, outros haviam dado há pouco tempo (o que nunca fizeram) e outros ainda que recebavam a fraqueza dos pulmões... Enfim, uma falta de compreensão e humanidade dos nossos

Para exemplo vou contar-lhes casos verídicos, passados já entre nós...

Certo dia o médico dissera a um indivíduo que desejava ver qual era o grupo sanguíneo a que pertencia, pois sua mulher precisava de sangue. Recusou com a seguinte declaração: Sr. Doutor, não dou, porque para ficarmos os dois doentes, então que fique só ela!...

Uma outra mulherzinha das proximidades fora internada no nosso Hospital com doença de certa gravidade. O médico pediu à referida doente que chamasse o seu marido e os irmãos a fim de lhe darem sangue, ao que a doente, apesar de tudo, respondeu:

— Não vale a pena Sr. Doutor, pois eles são todos muito fraquinhos!... E foi preciso uma criada do Hospital andar de porta em porta a procurar dessa gente de boa vontade que o fizesse.

E depois de todos estes exemplos, se todos pensássemos naquilo que amanhã nos pode atingir, não haveria mais perturbações a obscurecerem a razão. Ser generoso é sintoma de força e inteligência. E só nisto não cre aquele que não confia naquilo que defende, como na verdade religiosa só pode ser proclamado aquilo que fazemos e nunca aquilo que dizemos.

E ao defendermos estas verdades, determinamos soluções reais e assim não apoiamos nem comentamos uma causa por ilusões ou aspirações, mas sim para que ela frutifique e se fortaleça.

Nisa, Janeiro de 1965

Ilídio Nogueira Leitão

Para uma cançõesinha
que oferecemos ao
Rancho Típico das
Cantarinhas de Nisa

Ligeiro arroio brotou
um dia à flor da terra.
Vales, planícies, serras,
montes, depois, galgou...
Ai! o rio pequenino,
ai! o meu rio menino,
por quantas terras passou

O meu rio menino
cresceu sem destino:
Caminho do mar
— já não é menino —
lá vem sem parar...

Virgens, velhinhas, ladrões,
santos, diabos, vilões,
párias, ciganos, meninos,
homens sisudos, sem tino...
Ai! os que viu e amou!
por quantas terras passou!

O meu rio menino
cresceu sem destino:
Caminho do mar
— já não tem destino —
lá vem sem parar...

Ao mar o meu rio chegou!...
E algas, peixes, e conchas,
e barcos, mastros e monstros,
todos, a todos amou!
Ai! o meu rio pequenino
por quantas terras passou!
ai! os que viu e amou!

O meu rio menino
cresceu sem destino:
Caminho do mar
— já não é menino —
lá vem sem parar...

Se o mundo se desse todo
como o meu rio pequenino,
cresceriam sem destino
até brancas flores no lodo!

O meu rio menino
cresceu sem destino:
Caminho do mar
— já não é menino —
lá vem sem parar...

11-1-965

António Bento



MILAGRE!

Os Almotacés de Nisa

Continuação da página 1



Rodrigues Correia

O espectáculo que o Rancho Típico das Cantarinhas de Nisa nos ofereceu na noite da quinta-feira passada, apesar de todas as reservas que sempre pomos quanto a actuações de amadores, e demais crianças, não constituiu para nós verdadeira surpresa.

Contávamos com a vitória dum trabalho honesto, executado por gente honesta e concebido para progresso e elevação mental desta notável Vila.

É caso para dizer, parafraseando o grande António Vieira, que o Sr. Rodrigues Correia, com a sua dignidade e a sua arte, foi buscar à montanha a rocha adusta; desbastou, corrigiu, aperfeiçoou, aqui usa o escopro, além o cinzel; aqui marcou um sorriso, além uma gentileza; e, por todo o roble espalhou prodigamente vida e beidade. Ligou almas e corpos e modeladamente fez surgir uma alma colectiva que é a alma do seu Rancho, o Rancho das Cantarinhas de Nisa.

O espectáculo decorreu célere e bem nos pareceu que foi momento rápido, de fugida, tal o encanto, a ternura e a beleza dos bons sentimentos que se evoluiu em todo o ambiente da sala, perante a numerosa assistência que o aplaudiu.

Por outro lado, as peças apresentadas foram prova segura duma técnica que bastante completa se revelou; e foi pena, muito lamentável, que uma parte do público não tivesse sabido interpretar vários passos da primeira peça, rindo, quando devia calar, farfalhando, quando devia de abortar a traição dos soluços.

Rodrigues Correia tem mostrado até aqui — e esperamos que o continue a demonstrar no futuro — que é merecedor dos nossos aplausos, do nosso carinho, do nosso amparo. E, sendo assim, ele e sua digna família, cujo trabalho de execução foi de mérito, tornar-se-ão credores dos nossos agradecimentos, e do reconhecimento de todos os nisenenses.

E nós cá estamos para defender a sua obra, a obra dum artista e dum incansável lutador.

Em relação a Nisa, a mor parte das vezes, é fastidioso inquirir de datas ou de origens, pois casos como os das creações dos cargos de "alcaide das sacas" e de "meirinho" (1), são raros. O informe relativo ao primeiro encontra-se consignado na "carta de perdão" passada aos moradores de Nisa pela mercê de D. João II, em 13 de Fevereiro de 1487; o segundo solicitado particularmente por Diogo Alfaia, sacerdote criado do Bispo, a D. Filipe II, para casamento de sua irmã Maria Alfaia, em 1594.

E embora possamos admitir — com Herculano — que o officio de almotacé rapidamente se impôs, aqui como em todo o Alentejo, nem por isso queremos deixar de referir que o primitivo foral de Nisa não alude ao cargo e a documentação compulsada só nos permite ajuizar da sua presença nesta vila a partir dos reinados de D. João II ou de D. Manuel I (1481-1521), sabido como é que muito do que o primeiro fez em prol de Nisa se deve à influência do segundo, o qual, antes de ascender ao trono, usava, além de outros títulos, o de Senhor de Nisa (2).

Com efeito, como se pode ler na despretensiosa "Monografia" de José Francisco de Figueiredo, existente na Câmara de Nisa duas colecções de pesos de bronze que el-rei D. Manuel mandou fazer na Flandres em 1499 para uso das edilidades dos vários concelhos (4), paradigmas por onde se afeririam todos os demais usados pelos carneiros, padeiras, pescadeiras e regatões que na vila vendiam, ou os que os rendeiros da almotaçaria se obrigavam de dar aos que de fora a ela viessem vender.

Mas este é um testemunho que só permite deduções. Porém, datado de poucos anos mais, encontramos — também aqui em Nisa — um diploma (4) que refere expressamente o cargo de almotacé, comprovando, em certa medida, a hipótese que apresentámos.

E, logo após, de uns apontamentos com que os juizes e vereadores, procurador do concelho, fidalgos-cavaleiros, escudeiros, homens bons e povo da vila de Nisa, proveram el-rei, em 1539, extraímos a notícia de que os siseiros (5) não consentiam que os almotacés repartissem as carnes a fim de as poderem dar a quem quisessem, donde derivavam inconvenientes para os pobres.

Mas anote-se que no mesmo diploma se pede igualmente sejam os almotacés que não cumpram seus officios, condenados pela Câmara, como em Castelo de Vide. Ignoramos se esta condenação se processaria de acordo com as ordenações ou se resumiria — como no séc. XVII em Nisa — à suspensão do almotacé.

E, anos volvidos, nas cortes de Almeirim de 1544, os procuradores de Nisa, e com eles os de outras localidades, pediram ao rei que,

sem embargo de ordenação, servissem os almotacés o seu cargo durante dois meses, posto que por vezes desempenhavam o officio "pessoas indignas e de pouco saber", razão porque a terra era mal governada. Aprova o rei a medida e de maneira tal que delibera servissem os almotacés não dois mas três meses. E ordenava assim o processo de eleição e provimento: para os três primeiros meses eleger-se-iam, segundo as normas da ordenação, duas pessoas para desempenharem o cargo; nos três meses seguintes nomear-se-iam o procurador do concelho e o mais moço vereador do ano anterior; nos outros três meses os dous vereadores mais velhos, também do ano precedente; e nos três meses derradeiros serviriam então os juizes do ano transacto.

Ficou portanto estatuido, por excepção, um total de oito homens para o serviço anual de almotaçaria, quando normalmente ele ascenderia a vinte e quatro. Contudo, se o número de indivíduos indigitados se manteve, já o mesmo se não pode dizer da sua categoria, pois se preferiu o regresso à letra das ordenações — pelo menos para os últimos três meses do ano. E, assim, deparou-se-nos a eleição, em Outubro de 1658, de dous indivíduos que não tinham sido officiais do concelho, quando aguardávamos a nomeação dos juizes da vereação precedente.

Embora referente ao séc. XVII, conseguimos apurar a interpretação local de algumas funções dos almotacés, em primeiro lugar devido a um incidente que custou uma semana de suspensão a António Vaz Conde, nos meses de Abril a Junho, pois tendo o juiz de fora guardado para si e seus officiais um carneiro, ele o mandara partir; e pedindo os vereadores, pelo porteiro, seis arrateis de carne, ele lhos recusara. E seguidamente, pelas obrigações estabelecidas na arrematação da "renda da almotaçaria", deduzimos que deveria vigiar o repeso no açougue; "providenciar pela remoção de todas as imundices que na vila e arrabalde se deitassem em passagens ou travessas, ou postigos, portos e serventias de águas públicas e, bem assim, promover a limpeza dos chafarizes das fontes. Ordenar ao rendeiro que varresse a praça pública antes de cada procissão; lançasse fora todas as "coisas mortas" que se vissem na vila ou arrabalde e, ainda, verificar se o mesmo dera os pesos e medidas a todas as pessoas,..." assim da terra como estranhas, que viessem vender alguma mercadoria à praça da vila.

Finalmente, parece que os almotacés de Nisa nsavam, como insígnia, uma vara vermelha, pois uma das cláusulas do contrato do "rendeiro do verde" consistia precisamente em dar "dez varas vermelhas para os almotacés".

Extinguiu este cargo a legisla-

ção liberal de 1832.

Bibliografia e notas

- A. N. T. T.:
— Chancelaria de D. João III, L.º 35, f. 98
— Corpo Cronológico, Parte III, Maço 14, doc. 47 (em mau estado)
Colecção da Legislação Antiga e Moderna do Reino de Portugal. Parte I, Da Legislação Antiga:
— Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V. Livro I, tit. XXVIII, pags. 179-187.
— Ordenações do Senhor Rey D. Manuel. Livro I, tit. XLIX, pags. 339-356. Coimbra, 1792.
Parte II, da Legislação Moderna:
— Ordenações e Leis do Reino de Portugal, recopiladas per mandado del Rei D. Filipe o primeiro. Tomo I, tit. LXVIII, pags. 295-305. Coimbra, 1833.
Dicionário de História de Portugal—Ruy d'Abreu Torres: "Almotacaria" e "Almotacé". Vol. I, pag. 121.
Dictionaire des Antiquités Greco-Latines—"Aedile", Vol. I, pags. 95 e ss.
Elucidário, de Viterbo. Edição Crítica de Mário Fiúza—"Almoçabel", pags. 407-410.
História de Portugal, Alexandre Herculano. Vol. 7.º, pags. 315-326.
Monografia da Notável Vila de Nisa, J. Francisco de Figueiredo. Pag. 243, nota 1.

Há Perto de Cem Anos

Do jornal "A VOZ DO PROGRESSO", de domingo 22 de Abril de 1866, extraímos a seguinte tabela de preços: Trigo—660 reis por alqueire; Milho—cada alqueire—360 reis; cevada—360 reis por alqueire; Azeite—1020 reis por 15 quilos; Toucinho—3200 reis por 15 quilos; Sal—1200 reis cada moio.

Recordando

Em Abril de 1946, o jornal "Brados do Alentejo" transcrevia do "Correio de Nisa":

"O deputado Sr. Dr. Rui de Andrade ofereceu, para os pobres de Nisa, parte dos seus honorários da Assembleia Nacional. Registamos o facto com o mais sincero aplauso, pois ele revela excelentes predicados morais."

Padre José Felício

Mais uma vez tivemos a honra e o prazer da sua presença amiga. Esteve no Externato de D. Dinis a conquistar almas para Deus.

Propagandista das Missões, anda a intensificar o movimento salutar da L. I. A. M. Queremo-lo cá muitas vezes.

Câmara Municipal de Nisa

Continuação da página 2

NISA, TOLOSA e AMIEIRA DO TEJO

Quanto às restantes redes de esgotos, de Nisa, Tolosa e Amieira do Tejo, cujos projectos se encontram já elaborados, aguardaremos, igualmente que sejam comparticipados.

Todavia, dado o volume dos seus orçamentos (alguns milhares de contos), é bem provável não acontecer que todos o sejam no próximo ano. Mas, na dúvida de qual venha a ser comparticipado, mesmo com qualquer pequeno escalão, teremos de, ao menos, orçamentalmente, estar preparados para lhes dar início.

ALPALHÃO

O projecto da rede de esgotos de Alpalhão está a ser elaborado, tal como os outros o foram, por intermédio da Comissão Coordenadora das Obras Públicas no Alentejo, pelo que teremos de aguardar a sua conclusão, certamente no próximo ano.

ELECTRIFICAÇÃO

Por intermédio dos Serviços Municipalizados proceder-se-á à reparação, beneficiação e ampliação da rede eléctrica de Alpalhão e, se for comparticipada a tempo, o mesmo se fará em Nisa.

Quanto às restantes povoações ainda não electrificadas, está o assunto em estudo.

(Continua no próximo número)

CAIXA DO CORREIO

Duarte Pinto de Almeida, que hoje comanda navios mercantes e que sempre foi comandado por um excelente carácter, escreve-nos da Figueira da Foz, saudando o "Correio de Nisa" e solicita uma assinatura. Simultaneamente, oferece qualquer outra contribuição que lhe seja impetrada.

Muito gratos ao nosso sempre lembrado e antigo discípulo. Porque não mandas, meu prezado Amigo, sempre que a inspiração o ordene, uns artigos sobre essa digna e heróica vida do mar, que é epopeia de sempre para quem é português? As colunas do jornal ficam à disposição, juntamente com as cordiais saudações de quem não te esquece.

Mil venturas! Que Deus esteja sempre contigo!

Quem Canta

Nas ondas do teu cabelo vou-me deitar a afogar, para que fiques sabendo que há ondas, sem ser no mar...